



DIVERSIDADE DE MORCEGOS (CHIROPTERA: MAMMALIA) EM FORMAÇÃO FLORESTAL DE CERRADO EM NOVA XAVANTINA-MT

Julio Miguel Alvarenga da Silva – Universidade do Estado de Mato Grosso, Departamento de Ciências Biológicas, Nova Xavantina, MT. julio_miguel1000@hotmail.com;

Ricardo Firmino de Sousa - Universidade do Estado de Mato Grosso, Departamento de Ciências Biológicas, Nova Xavantina, MT. ricardo_firmino@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O Cerrado caracteriza-se por apresentar fitofisionomias que variam de formações abertas até florestais (Ribeiro & Walter 2008). A amostra da fauna de Chiroptera no Cerrado é escassa, portanto, proporciona lacunas geográficas de conhecimento para este grupo (Cavalcanti 2002). Fabián *et al.* (2006), relatam que nos últimos anos estudos sobre a quiropterofauna vem progredindo de maneira considerável em diversas áreas do Brasil. Peracchi *et al.* (2011), confirmam que o conhecimento sobre a diversidade de espécies de morcegos no Brasil vem crescendo significativamente. Apesar da grande diversidade deste grupo e do seu valor ecológico, os dados sobre a fauna de morcegos do Cerrado são ainda insuficientes (Aguiar & Zortéa 2008).

OBJETIVOS

Considerando as lacunas de dados para o Cerrado, o presente estudo teve por objetivo verificar a riqueza, abundancia e diversidades de espécies entre as estações de seca e chuva em ambiente de Cerradão na região leste do estado de Mato Grosso.

MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo foi realizado no Parque Municipal Mário Viana (14°41'09"S e 52°20'09"W) em Nova Xavantina, Mato Grosso. O clima da região é do tipo tropical de savana (Vianello & Alves 2000). Os dados foram coletados em quatro noites por mês durante 12 horas, entre os meses de agosto de 2012 a janeiro de 2013. A área de estudo é caracterizada como Cerradão. Onde foram armadas cinco redes de neblina 10m cada (50m). Foram calculadas riquezas e abundâncias de morcegos para o ambiente de coleta. O teste-t foi usado para verificar possíveis diferenças na abundância entre três meses de chuva e três de seca. O esforço de captura foi obtido pelo método proposto por Straube & Bianconi (2002). A similaridade entre os períodos foi verificada pelos os índices de Sørensen e Jaccard e a diversidade da área foi calculada pelo índice de diversidade de Shannon-Wiener (H') utilizando logaritmo neperiano (Krebs 1999).

RESULTADOS

Durante o estudo foram capturados 134 indivíduos, distribuídos em 20 espécies pertencentes a três famílias. As espécies mais abundantes foram *Artibeus lituratus* (n=59, 44,1%), *Artibeus planirostris* (n=19, 14,2%), *Glossophaga soricina* (n=14, 10,4%) e *Platyrrhinus lineatus* (n=13, 9,7%), as outras 16 espécies juntas somaram (n=29, 21,6%). Phyllostomidae foi a família mais abundante com 17 espécies (85% do total) capturadas, seguida por Vespertilionidae com duas (10%) e Mormoopidae com uma (5%). Foram registrados 42 indivíduos na estação

seca e 92 na chuvosa, não havendo variação significativa na abundância entre as estações de acordo com o teste-t ($t=0,93$; $df=41,27$; $p=0,36$). O esforço amostral total para o ambiente foi $2,16.10^3h.m^2$. A similaridade encontrada, utilizando os índices de Sørensen (0,4) e Jaccard (0,25), foi baixa entre os períodos. A diversidade calculada pelo índice de Shannon-Wiener (H') para a área foi $H'=2,08$.

DISCUSSÃO

Os inventários faunísticos elaborados para áreas distintas no domínio Cerrado têm indicado um número entre 11 e 25 espécies (Gonçalves & Gregorin 2004). A grande riqueza de espécies da família Phyllostomidae era esperada, pois se trata da família mais diversa na região Neotropical e devido ao método com redes até 3 metros que favorece a captura desta família (Fenton *et al.* 1992). A baixa similaridade entre as estações pode ser explicada, pela sazonalidade favorecer a abundância de recursos, especialmente frutos e insetos, com início na estação chuvosa no Cerrado (Marinho-Filho & Sazima 1998). A diferença na abundância e na composição das espécies de morcegos nos períodos de seca e chuva é um padrão esperado em áreas onde as estações são bem demarcadas (Pedro & Taddei 1997). Esberárd (2003), afirma que para estudos realizados com morcegos em áreas na região neotropical a diversidade fica em torno de $H' = 2,0$, podendo assim, a diversidade ser considerada acima da média proposta.

CONCLUSÃO

O número de espécies capturadas pode ser considerado alto, pois o esforço de captura foi relativamente baixo. Faz-se necessário a realização de inventários com morcegos no cerrado sempre considerando períodos de chuva e seca para que se conheça sobre a variação sazonal das espécies no Bioma. E a alta abundância de três espécies fez com que a diversidade do ambiente tenha sido pouco mais que a média esperada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, L. M. S. & ZORTÉA, M. A diversidade de morcegos conhecida para o Cerrado. In: Simpósio Nacional Cerrado & Simpósio Internacional Savanas Tropicais, Brasília, DF. Desafios e estratégias para o equilíbrio entre sociedade, agronegócio e recursos naturais. Embrapa Cerrados: Planaltina, DF. 2008.
- CAVALCANTI, R. B. Cerrado e Pantanal. In: MAURY, C. M. (Ed.). Biodiversidade Brasileira: Avaliação e identificação de áreas e ações prioritárias para a conservação, utilização sustentável e repartição dos benefícios da biodiversidade nos biomas brasileiros MMA/SBF: Brasília, 2002. p. 55-64.
- ESBÉRARD, C. E. L. Diversidade de morcegos em área de Mata Atlântica regenerada no sudeste do Brasil. Revista Brasileira de Zoologia, vol. 5, p. 189-200, 2003.
- FÁBIAN, M. E., RUI, A. M. & WAECHTER, J. L. Plantas utilizadas como alimento por morcegos (Chiroptera, Phyllostomidae) no Brasil. In: REIS, N. R.; PERACCHI, A. L.; SANTOS, G. A. S. D. (Org.) Ecologia de morcegos. Technical Books Editora: Londrina, 2008. p. 51-70.
- FENTON, M. B., ACHARYA, L. & AUDET, E D. Phyllostomid bats (Chiroptera: Phyllostomidae) as indicators of habitat disruption in the Neotropics. Biotropica, vol. 24, p. 440-446, 1992.
- GONÇALVES, E. & GREGORIN, R. Quirópteros da Estação Ecológica da Serra das Araras, Mato Grosso, Brasil, Com o primeiro registro de *Artibeus gnomus* e *A. anderseni* para o Cerrado. Lundiana, vol. 5, p. 143-149, 2004.
- KREBS, C. J. Ecological Methodology. 2 ed. Benjamin/Cummings: New York, 1999.
- MARINHO-FILHO, J. & SAZIMA, I. Brazilian bats and conservation biology: a first survey. In: KUNZ, T. H. & RACEY, P. A. (Eds.) Bat biology and conservation. Smithsonian Institution: Washington, DC, 1998. p. 282-294.

PEDRO, W. A. & TADDEI, V. A. Taxonomic assemblages of bats from Panga Reserve, Southeastern Brazil: abundance patterns and trophic relations in the Phyllostomidae (Chiroptera). Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão, vol. 6, p. 3-21, 1997.

PERACCHI, A. L., LIMA, I. P., REIS, N. R., NOGUEIRA, M. R., & FILHO, H. O. Ordem Chiroptera. In: REIS, N. R., PERACCHI, A. L., PEDRO, W. A. & LIMA, I. P. (Eds.). Mamíferos do Brasil, 2.ed. Nelio R. dos Reis: Londrina, 2011. p. 155-234.

RIBEIRO, J. F. & WALTER, B. M. T. As principais fitofisionomias do Bioma Cerrado. In: SANO, S. M., ALMEIDA S. P. & RIBEIRO, J. F. (Eds.). Cerrado: Ecologia e Flora. Embrapa Cerrados: Brasília, v. 1, 2008. p. 151-212.

STRAUBE, F. C. & BIANCONI, G. V. Sobre a grandeza e a unidade utilizada para estimar esforço de captura com utilização de redes-de-neblina. Chiroptera Neotropica, vol. 8, p. 1-2, 2002. VIANELO, R. L. & ALVES, A. R. Meteorologia básica e aplicações. Viçosa: UFV, 2000. 448p.